

Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes — Campus São Paulo

Viagem

Caio Cirenza Lescher
São Paulo 2023

Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes — Campus São Paulo

Caio Cirenza Lescher

Viagem

São Paulo
2023

Caio Cirenza Lescher

Viagem

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” — Unesp para a obtenção
do título de Bacharel em Artes Visuais.

ORIENTADOR Prof. Dr. Milton Machado.

São Paulo
2023

**Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e
Documentação do Instituto de Artes da Unesp.**

Dados fornecidos pelo autor.

L625V

Lescher, Caio Cirenza, 1996.

Viagem / Caio Cirenza Lescher. – São Paulo, 2022.

120 f.

Orientador: Prof. Dr. Milton Machado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Contos. 2. Escritos de viagem. 3. Narrativas pessoais. 4. Paisagens literárias.

I. Machado, Milton. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD–869.301

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade – CRB–8/8666

Caio Cirenza Lescher

Viagem

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” — Unesp para a obtenção
do título de Bacharel em Artes Visuais.

ORIENTADOR Prof. Dr. Milton Machado.

*Trabalho de conclusão de curso aprovado
em 6 de dezembro de 2022.*

Banca examinadora:

- ▷ Prof. Dr. José Spaniol
- ▷ Prof. Dr. Milton Machado

Coordenadas

Sumário

Agradecimentos	II
Resumo	13
Abstract	15
Introdução	17
ILHAS	23
MAPAS	41
COMÉRCIO	65
MÁQUINAS	83
TURISTAS	103
Conclusão	121
Referências bibliográficas	123

Agradecimentos

A todas as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho, em especial a Suzana Salama, Milton Machado, Fernanda Cirenza, Lilla Lescher, Artur Lescher, Felipe Kouznetz e José Spaniol. Agradeço também a todos que leram e gravaram os textos: Ana Lancman, Ana Lee, André Camareiro, André Warchavchik, Ania Valle, Bernard Tjabbes, Branca Lescher, Bruno Moutinho, Carô Calsone, Cláudia Oliveira, Dani Minkovicius, Ernesto Mifano, Fausto Chermont, Fernanda Pantuzzo, Flora Pappalardo, Gabriel Neistein, Gabriel Nigri, João Seckler, Luah Souza, Luis Cavalaro, Luiza Castagna, Luiza Torkomian, Maria Cirenza, Murilo Brandão, Pedro José Diego, Raffaella Rosset, Rebeca Lescher, Silvestre Guerra e Tuka Emrys.

Resumo

Esta pesquisa reúne narrativas de viagens realizadas durante o período de 2002 a 2022. À luz da coletânea de textos sobre sonhos de Franz Kafka, de *O livro das maravilhas*, de Marco Polo — assim como *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino —, entre outras referências, o caminho da presente investigação foi traçado através da literatura. Os contos redigidos foram separados em cinco subgrupos — ilhas, mapas, máquinas, turistas e comércio —, pistas da constituição de uma geografia espacial, social e simbólica percorrida durante as viagens. Por fim, é significativo frisar que parte importante da análise são os próprios textos, os trajetos, que se encontram em um limiar entre realidade e sonho.

Abstract

This research brings together travel narratives written during the period from 2002 to 2022. From the collection of texts on dreams by Franz Kafka to *The book of wonders*, by Marco Polo — as well as *The cities invisible*, by Ítalo Calvino —, among other references, the present investigation's path was traced through literature. The stories are separated into five subgroups — islands, maps, machines, tourists and commerce —, clues to the constitution of a spatial, social and symbolic geography wandered during the trips. Finally, it is meaningful to emphasize that an important part of the analysis are the texts themselves — the routes, the ways —, which are on a threshold between reality and dream.

Introdução

Caro leitor,

nas páginas a seguir você encontrará os relatos da viagem de um narrador. Não sei se são viagens maravilhosas, como de uns, ou ordinárias, como de outros. Isso não me importa. Ficarei feliz com qualquer resposta. De um jeito ou de outro, basta saber que os acontecimentos foram descritos pelo narrador da forma que os observou — com os próprios olhos. Para ser sincero, alguns poucos relatos chegaram ao narrador pelos ouvidos, mas vindos da boca de gente de igual valor e honestidade.

Essas histórias foram escritas ao longo dos anos, cuidadosamente coletadas. Nelas o narrador percorreu grande distância — partindo de ilhas, florestas, desertos, planícies —, onde se deparou com criaturas, grandes cidades e pequenas aldeias, templos nas montanhas e praia, crateras de vulcão, pastos e fronteiras. Os trajetos foram percorridos por meios diversos, a depender do ambiente e disponibilidade: ora a pé, de carro ou avião, outras vezes de trem, camelo e navio. O narrador acredita que essa viagem foi possível pois, mesmo em paisagens inóspitas, o viajante espera o anfitrião e o anfitrião espera o viajante.

Observação Essa versão é uma adaptação do livro original, produzida para se enquadrar nas normas obrigatórias de arquivamento de teses da universidade. O narrador compreende as razões dessas normas, embora não concorde. A diagramação e a identidade gráfica da edição original, encadernada em forma de livro, foi comprometida e sua leitura prejudicada, visto a importância desses elementos para o texto. O resumo e a introdução aqui presentes também são adições obrigatórias dessa edição. O conteúdo do texto que compõem o corpo do trabalho, no entanto, é o mesmo.



O narrador agradece ao leitor.

Para minha avó Helena.

Estamos no caminho certo?, perguntei ao nosso guia, um judeu grego. À luz da tocha, ele virou para mim seu rosto triste, pálido e suave. Para ele, tanto fazia se estávamos ou não no caminho certo. Onde estávamos com a cabeça ao contratar um guia que, em vez de nos conduzir pelas catacumbas de Roma, até agora se limitava a nos seguir calado?¹

FRANZ KAFKA

O ritmo do trem e do bater dos tapetes embalava-me até adormecer. Era o molde onde se formavam os meus sonhos. Primeiro, os mais indistintos, talvez atravessados por uma onda de água ou pelo cheiro do leite; depois, os mais prolongados, sonhos de viagens e de chuva.²

WALTER BENJAMIN

1. Fragmentos de cadernos e folhas soltas, sem data. Ver: KAFKA, Franz. *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

2. Excerto do texto “Varandas”, de *Infância berlinense: 1900*. Ver: benjamin, Walter. *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

ILHAS

HAVANA, MAIO DE 2016

Era um dia quente. Sentado na mureta da orla, eu observava Casablanca do outro lado do canal do porto. Descansava depois de longa caminhada pelo Malecón e tirava fotos da paisagem.

Fui surpreendido por um homem aflito que se dirigiu a mim num espanhol complicado. Ele perguntava algo, mas eu não conseguia entender nenhuma palavra. Atordoadado, me levantei e pedi para ele repetir várias vezes o que dizia.

Depois de tantas vezes, finalmente entendi. *Devo tirar mi vida, o seguir viviendo?*, era o que me perguntava o desconhecido. Também aflito, mas sem dúvidas, repeti minha resposta. *Seguir viviendo, seguir viviendo, seguir viviendo*. Respondi como pude. Não houve tempo para mais explicações: ele sorriu, me deu um abraço forte e saltou no ônibus que passou naquele exato instante.

Depois que revelei o filme da câmera, percebi que esse homem tinha aparecido em algumas das minhas fotos. Ele tomava rumo direto do gargalo, sentado na mureta da orla a alguns metros de mim.

CAIRO, 3 DE NOVEMBRO DE 2021

Perdido no Cairo, encontrei uma antiga sinagoga às margens do Nilo. Lá estive com dois rabinos que me mostraram o templo e contaram algumas histórias antigas. Comentei sobre meus amigos brasileiros descendentes de judeus egípcios e depois perguntei aos rabinos sobre a expulsão dos judeus daquele país na década de 50. Eles não sabiam nada a esse respeito. Não que fossem ignorantes, mas era como se esse fato simplesmente não fizesse parte da realidade deles.

SÃO PAULO, 8 DE ABRIL DE 2019

Depois de longos anos, fui visitar minha antiga escola. Tudo por lá tinha mudado: não havia mais salas de aula. As lições aconteciam no pátio, que era ocupado por mendigos e alunos. Andando entre eles, percebi que eram discípulos de Diógenes e a escola tinha se transformado em Ágora.

Bob Dylan fez um concerto no Ártico quando as calotas polares estavam prestes a desaparecer — devido ao aquecimento da Terra. A performance aconteceu em alto mar, em cima da última calota que restava. O público formava uma plateia flutuante, a bordo de embarcações de todos os continentes, e rodeava o músico ilhado.

O bloco frio, onde Dylan flutuava sozinho com seu violão, derretia rapidamente sob o sol forte do verão rigoroso. O concerto só terminaria quando o gelo fosse inteiramente devorado pelo mar, gota a gota, fazendo Dylan, sem chão, cair na água fria. Assim aconteceu, enquanto ele cantava:

*Come gather 'round, people
Wherever you roam
And admit that the waters
Around you have grown
And accept it that soon
You'll be drenched to the bone
If your time to you is worth savin'
And you better start swimmin'
Or you'll sink like a stone
For the times they are a-changin'*

SÃO PAULO, 8 DE JANEIRO DE 2021

Quando retornei à minha casa de infância, depois de muitos anos, percebi que o lugar tinha se transformado em casa funerária. Eram tantos os mortos na cidade que as casas desocupadas, como essa da minha infância, haviam sido solicitadas pelo Estado para o fim funéreo. Na varanda se fazia o velório, na sala o crematório e no jardim enterravam os corpos.

NOVA IORQUE, 4 DE JULHO DE 2017

Por conta de uma escala do avião, passei doze horas em Nova Iorque. Peguei o trem e fui para o Central Park. Lá joguei xadrez com um senhor chamado Matthew. Ele é morador do Bronx que, durante a partida, tocava em todas as peças do tabuleiro antes de fazer o seu lance. Era um tique nervoso, preocupado em manter as peças alinhadas em seus devidos lugares. Ele fazia isso enquanto repetia um monótono *com licença* a cada toque (até em Manhattan as pessoas sofrem). Mas foi ele que se irritou quando assobieei, imitando os passarinhos do parque. Perdi a partida.

Depois comi um cachorro quente numa banquinha na Quinta Avenida, enquanto esperava o MOMA abrir. Estava em cartaz uma retrospectiva do Rauschenberg. Depois de ver a exposição, voltei para o aeroporto.

HAVANA, 14 DE MARÇO DE 2016

Quando voltava de minha caminhada noturna, já perto da embaixada, de repente começou uma gritaria. Paralisado, em meio à multidão, de relance vi o corpo de um homem ensanguentando no asfalto. As pessoas apavoradas gritavam, pediam socorro. Em primeiro momento, o susto fez com que se afastassem, abandonando o homem que convulsionava enquanto um cão chupava seu sangue quente. Tinha sido esfaqueado. Da mesma forma que a multidão se expandiu ligeira e assustada, segundos depois se reagrupou para fechar o círculo, acudir o homem e espantar o cão. Mas então o homem já não se movia.

Quando se vive ilhado, a linha do horizonte pode parecer o paraíso. O mar tudo separa. Reunidos a imaginar o ali do outro lado, todos foram surpreendidos pelo grito, pela lâmina brilhante e pela tranquilidade do cão, que se alimentava.

Então, chegaram as viaturas e estacionaram na pista contrária da avenida. Do lado que estávamos, perto do mar, todas as faixas estavam tomadas pela gente. Os policiais abriram espaço e arrastaram o corpo até o carro.

Restou uma poça vermelha no asfalto. Uma mulher aflita, ao meu lado, deixava seus comentários. Dizia que presenciou tudo de perto e que o homem tinha sido ferido no pescoço, com único golpe. Segundo ela, socorro não adiantava, o homem já estava morto e os olhos abertos do cadáver exprimiam susto e tristeza.

Aos poucos, a multidão se dispersou e o burburinho da vida noturna foi retomado, primeiro de forma tímida e depois de forma atabalhoada. As pessoas trocavam impressões sobre o recém ocorrido ou tentavam esquecer com música e bebida. Quando finalmente tomei coragem para seguir meu rumo, a mulher aflita me ofereceu companhia. Disse que era perigoso andar por ali de noite. Assustado, respondi que preferia ir só.

PAISAGEM AÉREA, 5 DE MARÇO DE 2022

Estive com vovô e vovó em um amplo terraço com vista para o mar. Com lunetas, nós observamos os dirigíveis prateados que flutuavam perto da linha do horizonte. No dia seguinte fui visitá-los.

MAPAS

NÁUFRAGO, 5 DE AGOSTO DE DE 2021

Estava a bordo de um navio em meio a tempestade. Desenhava. Quando a tempestade finalmente se dissipou, os marinheiros conseguiram atracar num porto. No ancoradouro encontrei um homem cego que pediu para ver os meus desenhos. Aproximou as páginas de seus olhos brancos e depois de seu ouvido. Pediu silêncio para escutar os sons — deixei com ele o meu caderno.

MANAUS, JANEIRO DE 2021

Após uma longa viagem de carro, a gente finalmente chegava a Manaus. O GPS indicava um caminho complicado que nos levou para uma ponte nova, ainda em construção. Era preciso atravessar o rio. Depois ficamos sabendo: a ponte era erguida para ligar, enfim, os escritores aos fatos.

Era imensa, mas pouco transitada.

MANAUS, JULHO DE 2011

Depois de passar tantos dias a bordo no rio Negro, os confortos do hotel pareciam estranhos. Já estava acostumado a dormir na rede, a tomar banho frio e com aquele balançar constante do barco. Mas a viagem estava terminando e junto com ela os sonhos que nossa imaginação tinha cultivado. Eu tentava não lembrar desse detalhe, mas era inevitável. A saudade alcançou nossas mentes. Era tanto de querer voltar para a floresta quanto uma saudade de casa. Manaus estava no meio dessas duas direções opostas. Uma cidade ilhada no meio da floresta, cuja primeira ponte ainda estava sendo erguida.³

3. A Ponte Rio Negro foi inaugurada em outubro de 2011.

PASTO, SEM DATA

Quando é relâmpago e trovão, só existe pasto. Depois, duas vaquinhas em uma estrada formavam o indivíduo (*o átomo minúsculo, mas convicto*).

Percorremos parte do trajeto de carro e outra parte a pé. No trecho em que a estrada corta a mata fechada, a luz da Lua cheia se projetava entre as copas de árvores. A Lua me parecia ter uma cor mostarda, mas isso não era consenso e gerou entre nós uma pequena discussão.

Logo entendemos a razão da discordância. Tratava-se de um fenômeno cósmico estranho que produz perturbações no céu visíveis a olho nu. Quando chegamos a uma clareira e pudemos olhar para o astro diretamente, percebemos que sua cor mudava sucessivamente, piscando de forma assustadora e bela. Era amarela, preta, mostarda, verde, rosa, prata. Tratava-se de uma rara tempestade lunar, um sinal de mal presságio que, a nós, parecia com o fim do mundo. Demoramos olhando o céu.

Quando finalmente chegamos a Eldorado, assustados, encontramos com a G. Ela contou que estava doente e poderia não ter tempo. Me convidou para visitá-la em sua casa, quando voltássemos para São Paulo, mas não podia garantir que ainda estaria viva. Com ar sombrio, ela ofereceu uma explicação sobre a lua multicolorida. Era um transtorno cósmico, como suspeitávamos, mas isso podia significar muitas coisas.

Então, B. nos contou uma história de terror. Fumamos charutos e fomos dormir.

Recentemente, estive na praia com D. e com a sua família, onde eles têm uma casa. A praia é rodeada por montanhas cinza-azuladas de tonalidade bonita.

Ao chegar lá, me contaram — não me lembro quem — que essas velhas montanhas são sagradas e que naquele mesmo dia iria acontecer uma importante cerimônia. Todos se reuniram à beira do mar, no sopé da cordilheira. Curioso, perguntei se poderia ir com eles e todos concordaram.

Sem ter ideia do que se tratava o ritual, inquieto eu fazia muitas perguntas. Fui repreendido pela tia do meu amigo, pois a ocasião demandava silêncio.

A praia foi rapidamente ocupada pelas pessoas que se acomodaram na areia de pernas cruzadas. A maioria vinha vestida toda de branco e os homens usavam turbante.

Quando chegou a hora propícia me explicaram: uma montanha cinza-azulada, escolhida entre tantas, seria implodida com dinamites. A detonação dos explosivos, instalados em suas cavernas mais profundas, levaria aos ares o pó sagrado de sua rocha. Aos poucos esse pó cinza-azulado, mais pesado que o ar, se depositaria por toda a paisagem, sedimentando também sobre nossa pele e cabelo, sendo aspirado pelas narinas e preenchendo os poros de toda a gente.

O rufar de tambores deu início à cerimônia e duas mulheres, de corpo azul, começaram a dançar com os pés na água salgada.

Quando fechei os olhos para me preparar para o estrondo, escutei a voz suave de uma criança me chamando. Sem abrir os olhos, segui aquela voz, que sussurrava baixinho em meu ouvido. Ela trazia importantes revelações, mas quando abri os olhos já não me lembrava de nada.

16 DE MAIO DE 2002

Vimos uma aranha. Fomos na trilha. Enquanto eu escrevia o diário, eu vi uma teia de aranha.

E. me mostrava um livro com imagens de uma base militar russa que ele havia visitado no ano passado com R. Enquanto virava as páginas, explicava: a área é herança da guerra fria e ainda hoje é utilizada em testes topográficos.

O terreno da base está em constante transformação: nunca deixa de ser escavado e realocado. As máquinas produzem cubos de feno que se empilham e modificam o tabuleiro criando novos cumes e vales, ao passo que outras máquinas bagunçam e reordenam toda a matéria. O treino dos soldados e os testes ocorrem nesse terreno mutável.

Por se tratar de uma área secreta, o livro, com textos em russo e imagens do local, é muito raro. Além do livro, a R. trouxe de lá um jogo. As regras são simples: é preciso mover as peças por uma trilha através de um tabuleiro móvel.

Aos que erram e vagam, caminhar é um ato de esperança. A cada passo, mais perto. É um desequilíbrio que sacrifica o próprio suor e projeta o corpo adiante. É delírio sobre a terra. A gente percorre devagar o mundo para dele dizer: *Somos resíduo industrial, como as estrelas são resíduo cósmico*. Assim, acidentes psicogeográficos ambulantes.

Nesse dia, uma serpente me disse que algo importante estava prestes a acontecer. Olhei no fundo de seus olhos hipnóticos e quase caí em tentação. Fiz, então, a pergunta mais tola que pude. O que?

— O futuro a D'us pertence, respondeu com olhos dilatados. Mas, se pudesse, gostaria de te contar.

As paredes da casa dourada, onde estávamos, começaram a estremecer e pedras cobriram minha mente. Não me lembro de mais nada.

Acordei e ainda era noite. Caminhar, pensei, com a esperança de que algo novo aconteça ao nascer do sol.

RIO MISSISSIPPI, 2 DE MARÇO DE 2022

Em meio a uma tempestade eu e L. fomos levados pela forte correnteza do rio Mississippi. Despencamos por altíssima queda perpendicular e depois fomos sorvidos pelas cataratas. Com esforço, conseguimos nadar até as margens e atravessar o arame farpado que cercava. Na estrada, pegamos carona com os soldados em um tanque de guerra.

No coração da floresta, há uma grande fissura na terra que acompanha o curso de um rio efêmero. A formação é de um cânion que divide o mapa e se interpõe como barreira natural aos viajantes. Os paredões de pedra, úmidos e íngremes, são lar de animais peçonhentos de variadas espécies e o acesso é difícil mesmo a alpinistas experientes. Contornar a formação, no entanto, a depender do ponto em que se encontra, pode levar semanas de caminhada pela mata fechada, tamanha sua extensão. A melhor opção para cruzar o cânion é através da única ponte que há, reconstruída ali nos anos 80 para substituir a antiga ponte que desmoronou há séculos.

A passagem fica localizada no trecho mais estreito do acidente geográfico, perto de seu centro longitudinal. Mesmo assim, trata-se de um vão de mais de 300 metros de comprimento e a queda é garantia de morte. A ponte, estirada de lado a lado por cabos, balança a cada passada e também com o vento. É preciso atenção durante toda travessia, com cuidado especial com as tábuas podres e cobertas de musgo e com os insetos voadores que importunam a todo instante.

Em dias sem neblina, é possível observar lá em baixo as ruínas da ponte velha. É curioso notar o desenho que formam. Do lado norte, cada coluna tombou para uma direção, como é de se esperar, e se vê um amontoado de pedras espalhadas pelo chão. No outro extremo, pelo contrário, se vê um desenho perfeitamente ordenado. As enormes pilastras caíram de pé e permanecem fincadas na areia, enfileiradas, o que dá a impressão de que foi projetado seu declínio e sua ruína.

Tanto a ponte velha como a ponte nova levam o mesmo nome: ponte Herzog-Kinski, duas extremidades de um abismo.

COMÉRCIO

14 DE ABRIL DE 2019

Tinha um homem que trabalhava quebrando pedras. Recebia em troca cigarros e os trocava por água. Outro homem produzia cigarros, recebia água e a trocava por pedras. Um terceiro homem produzia água, recebia pedras e as trocava por cigarros.

OBS. Todos viviam na penúria.

Viajava por uma região do litoral da Índia onde cada praia é governada por um rei diverso: há grande disputa entre eles. A praia onde estava era abarrotada de turistas. Por isso, queria ir para outra, mais afastada e tranquila, onde poderia descansar um pouco. O problema é que, devido à situação política entre os monarcas, não é simples fazer o traslado.

Um habitante do vilarejo resolveu ajudar. Ele informou que é preciso autorização do rei para fazer a viagem. Mas, antes de mais nada, eu devia trocar meus dólares, inúteis em meio aquela areia, por moeda local. Para garantir que não seria trapaceado, o simpático homem fez questão de me acompanhar até a casa de câmbio, que opera com um sistema incomum. Quando cheguei, me explicaram. Os clientes devem rolar dois dados especiais, que contêm figuras diferentes em cada uma de suas seis faces. O valor que a casa paga por dólar é definido pela combinação resultante das figuras. Tive sorte grande, pois tirei dois elefantes.

HAVANA, 28 DE ABRIL DE 2020

Eu caminhava por um grande galpão abandonado. Através de uma janela vi um amontoado de lixo e entulho. Três gatos pretos, de olhos enormes, se aproximaram. Estendi a mão para fazer carinho, mas nessa hora um cachorro salsicha com o focinho coberto de sangue pulou entre nós e assustou os felinos. O sangue era de um rato recém devorado.

Encontrei um acesso para o subsolo onde havia uma complexa galeria de túneis. Segui pelas passagens, primeiro descendo e depois subindo. Não sei quanto andei. É fácil perder a noção de distância e de profundidade quando estamos debaixo da terra. Os corredores eram estreitos e úmidos. No topo de uma escada íngreme encontrei uma abertura para a superfície. Lá fora, encontrei um imenso campo gramado rodeado por uma cidade. Era uma praça com grades altas onde os turistas pagavam aos mendigos para entrar. Não sei o que faziam, mas tinha muitos gringos visitando o lugar. Andando ao redor, percebi que estava no centro de Havana.

Saí dali e continuei minha caminhada. Eu me lembrava bem daquele bairro, da última vez que tinha visitado a cidade. Encontrei um bar de que eu gostava e decidi parar para tomar algo. Mas me lembrei de um pequeno detalhe, eu não tinha dinheiro cubano e sem meu passaporte seria difícil trocar as notas. Mesmo assim fui tentar numa casa de câmbio, estatal é claro, que ficava na esquina. Como esperado, não deu. Mas a moça que trabalhava lá, uma jovem brasileira, gentilmente ofereceu para mim e para outro cliente uma bebida. Ela nos informou que estavam reformulando as cédulas em Cuba. As novas seriam bem pequenas, do tamanho de um selo, para não parecer que o dinheiro tem importância tão grande.

Levei minha bebida até o bar e me sentei. Tinha bastante gente e algumas pessoas puxaram assunto. Conversamos sobre as mudanças que estavam ocorrendo em Cuba nesses três anos em que estive fora. O pessoal do bar me atualizou das notícias e trocamos várias impressões sobre isso. Cuba muda, mas não muda, me diziam. Indecisos, complementavam sorrindo: Será que muda?

Enquanto isso, um camelô expunha sua mercadoria em um tapete na calçada ali da frente. Ele vendia relógios chineses e carteiras miúdas. Chegaram alguns policiais e o mercador tentava guardar depressa os seus produtos para que os guardas não vissem. O pessoal do bar foi ajudar o cara, mas acabou chamando mais atenção. Quando os guardas perceberam o que acontecia, começou uma briga feia. Tiraram revólveres e se enroscaram, por pouco não houve disparo. O vendedor de relógios saiu correndo e os policiais foram atrás dele. Os produtos ficaram jogados no meio fio.

O povo do bar resolveu ir atrás para tentar ajudar o mercador que sofria grande perigo. Eu fui junto, na garupa de uma bicicleta velha, atrás da perseguição.

Passamos por ruas labirínticas, becos e acabamos em Habana Vieja. Tudo nos levava ao Museu de Belas Artes, perto do Capitólio. Quando entrei no museu, encontrei D. e J. Eles visitavam uma exposição e fizeram questão de me mostrar. Era uma coletiva de esculturas produzidas a partir de linhas. De longe os trabalhos desapareciam no espaço e quase não se via nada. As finas linhas camufladas geravam apenas uma pequena perturbação no campo visual, mas não era possível identificar as formas. Quando se chegava perto, se revelavam, entre as tantas formas da arquitetura do museu, como estruturas semi-visíveis que ocupavam o espaço que antes parecia totalmente vazio. Não era um bom lugar para se esconder, mas os policiais poderiam se enroscar nas linhas, facilitando a fuga.

O trabalho do Calder era especialmente instigante. Suas linhas me atraíram magneticamente, dava vontade de morder o anzol. J. e D., que são músicos, queriam encostar nas obras. Uma linha esticada já é um instrumento, diziam animados, mas isso chamou a atenção da segurança. Quando nos ameaçou expulsar de lá, perguntei se tinha visto o homem em fuga. Ela nos apontou a direção.

Na porta de saída do museu encontramos o vendedor de relógios. Ele estava exausto, mas aliviado. Tinha despistado a polícia por outra exposição. Seus pés sangravam. Ele se escondeu atrás da porta do museu e chorou.

PARIS, 10 DE NOVEMBRO DE 2018

Peguei o metrô na França, quando viajava com amigos. Descobri por meio de mapas e alto-falantes que ao final daquela linha se chegava à China. Fiquei no metrô. No vagão apareceram pessoas interessantes, como um velho chinês que fazia maquiagens e tirava a sobrancelha dos passageiros por completo. Ele vendia lanches e estava a caminho da Inglaterra para tentar ganhar a vida. Outro passageiro que escutava a conversa interrompeu e disse que a Inglaterra ficava na outra direção — e que lá só havia guerra. De nada mais adiantava.

ENEZA, 28 DE MAIO DE 2020

Seus cabelos contêm todo um sonho,
repleto de velas e mastros; contêm
vastos mares cujas monções me
conduzem a encantadoras regiões, onde
o espaço é mais azul e mais profundo,
onde a atmosfera é perfumada pelas
frutas, pelas folhas e pela pele humana.

CHARLES BAUDELAIRE

O pequeno e empoeirado teatro se parece com um templo oriental: pela forma de suas colunas e telhados, seu jardim interno e saguão. Encontrei o espaço vazio, a peça já havia terminado. Pude ao menos ler o enredo, em italiano, no teto de madeira acima do palco. Ele era escrito em delicadas letras vermelhas, acompanhadas de ilustrações e iluminuras.

Contava a história de uma freira que viveu isolada na Itália, enclausurada numa torre — em sonho, ela teve a revelação divina de deixar crescer seus cabelos até os pés. Só então, deveria ir à China. Na esperança de cumprir o destino cultivou os fios, mas nunca pode fazer a viagem.

Quando a freira morreu, seu cabelo chegava ao calcanhar. Em honra à sua memória, um homem cortou e embrulhou os fios, e com eles viajou por toda a Rota da Seda. Quando chegou à China, encontrou um templo onde depositou sua carga. Foi saudado pelos monges, carecas, que disseram: *Estávamos aguardando a sua bem-vinda chegada*. Eles nomearam monja aquela que viveu como freira.

BUENOS AIRES, 12 DE FEVEREIRO DE 2019

The whole bible, meu trabalho de datilografia, consiste basicamente em uma cópia da Bíblia, letra por letra, feita com uma máquina de escrever. É um trabalho cansativo e penoso, mas divertido. Copiar a Bíblia, obviamente, é um procedimento que lida com a tradição medieval dos copistas. Mas usar a máquina de escrever, por outro lado, remete à sua antecessora histórica, a prensa tipográfica, que deu origem aos incunábulos e possibilitou a reprodução do livro em larga escala. A ideia do trabalho é fazer uma cópia lenta, usando uma máquina e misturando a morosidade do copista com a velocidade dos tipos.

Eu queria uma Bíblia de Lutero. Fui procurar em uma livraria religiosa que fica na parte antiga da cidade. Quem recomendou o lugar, um amigo, tinha falado que lá é possível encontrar os livros mais raros e maravilhosos, mas que o preço nem sempre é convidativo. A loja é simples e empoeirada e de fora parece com um sebo ordinário.

A atendente foi tirando das prateleiras todas as versões da Bíblia disponíveis. Eram muitas. Ela tirava algumas do alto das estantes, outras de dentro de gavetas e colocava todas em cima do balcão formando pilhas enormes. Algumas bíblias, muito antigas, eram manuscritas e continham lindas iluminuras. Outras estavam em idiomas que eu não pude identificar. Há importantes versões da Bíblia, a mulher explicou, que nem mencionam Cristo. Para mostrar, ela tirou da geladeira a edição mais rara e especial que tinha na livraria. A Bíblia era uma ação. Comer um morango com chocolate e, em seguida, duas maçãs. Os ingredientes vinham separados em uma caixa preta, junto com as instruções de uso. Esse conjunto formava o texto sagrado.

A Bíblia luterana, no entanto, estava em falta.

SÃO PAULO, SETEMBRO EM 2016

Ao cruzar a rua, me deparei com um homem sentado na calçada, encostado no muro do cemitério. No breu da noite, só pude perceber o seu vulto e me assustei com o barulho que fazia em seu esforço. Ele erguia uma lâmina acima da cabeça e a seguir golpeava com força um animal estirado no chão. O gesto se repetia. O bicho era grande e não emitia qualquer sinal de vida. O impacto do metal, pelo contrário, produzia um som terrível. Os golpes miravam a carne, na tentativa de separar os membros, mas por vezes saíam tortos e atingiam o cimento do chão. Não parecia ser uma tarefa fácil: o homem urrava no ritmo da dilaceração.

Sete dias depois, ao caminhar por outro bairro, me deparei com uma senhora de cabelos brancos. Era muito velha, tinha a cara enrugada e vestia uma camisola gasta. Com um aceno, ela me chamou para perto de seu quintal. Quando eu me aproximei, ela abriu a porta de ferro e veio à calçada para me mostrar um objeto. Ela segurava entre os dedos uma correntinha de ouro com um pequeno crucifixo brilhante. Pediu que eu atasse a corrente em seu pescoço, explicando que sozinha ela não conseguia. Me entregou o amuleto e se virou de costas. Depois que atei a corrente, a velhinha me ofereceu um passe como agradecimento e eu não recusei. Ali na calçada ela direcionou suas mãos a mim e pronunciou a oração.

Da janela do trem eu via o Sol vermelho que manchava todo o campo de trigo. Por alguma razão, certa ou incerta, aquele sol me pareceu um sinal de mau presságio e me trouxe pensamentos ruins. Quando cruzamos a fronteira, senti um arrepio na espinha.

Fui surpreendido por um senhor alemão muito velho que entrou e se sentou na mesma cabine que eu. Ele tentava se comunicar, mas era difícil entender. Eu lhe respondi da melhor maneira que pude, em inglês e em francês, mas ele se mostrou irritado. Alguns gestos e acenos de cabeça encerraram nossas tentativas e ficou por isso mesmo. Então eu dormi profundamente.

Quando dei por mim, estava sendo expulso do vagão, jogado no meio da estação de Kassel. Era lá o meu destino. Minha bagagem foi jogada, em seguida, do trem já em movimento. Não pude me despedir do meu companheiro de cabine.

O relógio marcava três da manhã e eu estava sozinho e sem direção na praça da central. Para piorar, eu passava muito mal. Tinha uma insuportável enxaqueca, como as crises da minha infância.

A cabeça latejava como se bombas explodissem dentro e o mal-estar era irradiado para todo o corpo. A pressão no crânio era tamanha que me sentia tonto e tinha dificuldade para andar. Estava prestes a vomitar por todas as ruas limpas e bem cuidadas daquela cidade, que é tão bem organizada e sistemática que se assemelha a uma maquete de ferromodelismo. Não conseguia pensar claramente e alucinava que o bombardeio atingia toda cidade. Via pessoas correndo, procurando se esconder da destruição. Mas eu, imóvel e tolo no meio da praça da maquete, não conseguia reagir ao ataque, que acontecia dentro da minha cabeça.

Tropeçando pelas calçadas e quase sendo atropelado pelos carros, fui à procura de uma farmácia. Perguntei para todas as pessoas que cruzaram meu caminho, mas não conseguia articular bem as palavras. Alguém apontou uma direção, que segui como se fosse um oásis.

Depois de tanto andar por ruas desertas e escuras, cheguei a um lugar promissor. A calçada era ocupada por muita gente que se dividia entre duas filas, uma ao lado da outra. Perguntei às pessoas se ali era a farmácia e me acenaram que sim. Me olhavam de um jeito estranho, de canto de olho, diziam coisas entre si que eu não entendia e trocavam sorrisos. Imaginei que era por conta do meu aspecto, que, imagino, era dos piores, com olhos flamejantes e loucos da dor e um fedor de dias seguidos de viagem no trem. Tentei ignorar esses olhares (que ignoravam a minha

aflição) e me posicionei na fila menor. Depois de longa espera, finalmente a fila andou e cheguei ao seu fim. Mas ela dava em uma porta pequena e escura, que não se parecia em nada com a porta de uma farmácia. Confuso, olhei para os lados e pedi orientação. Foi quando percebi que durante todo esse tempo estive na fila errada. A farmácia era ao lado, no final da outra fila, a poucos metros, à direita.

Percebendo o engano, tentei pular para a outra porta, explicando da melhor forma que pude o mal-entendido. De nada adiantou. As pessoas ficaram irritadas comigo e começaram a falar alto. Diziam que aquilo era um absurdo e não era permitido, em hipótese alguma, furar a fila.

Restaram-me poucas opções. Por orgulho talvez, ou pela minha curiosidade que não raro me leva a tomar más decisões, resolvi não me resignar. Ao invés de ir para o início da fila da certa, como talvez devesse, dei um passo adiante para descobrir o que havia do outro lado da porta a frente. Até porque, enfim, eu já havia enfrentado toda a fila. Fiz isso me esquecendo por um instante da urgência do medicamento e da minha dor.

Entrei numa sala onde quase nada se via e fui conduzido por braços e sussurros que me guiaram na direção de outra porta — de onde se ouviam gritos infernais. Lá dentro, uma mulher se dirigiu a mim, em alemão, mas eu não pude compreender uma única palavra. Ela repetiu a pergunta em inglês: quantas chibatadas você deseja?

Não levei a sério a estranha pergunta e, desconcertado, dei risada. Tentei explicar minha situação, e lhe disse que seria terrível ser chicoteado em meio a uma crise de enxaqueca. Sem nada expressar, ela simplesmente repetiu a pergunta.

Dessa vez, entendi a seriedade do inquérito e desesperado tentei escapar. Não tive qualquer chance, as portas estavam trancadas e logo fui amarrado. Então eu disse que não desejava nenhuma chibatada, mas o silêncio da moça demonstrou que não era permitido responder isso. Ela repetiu a pergunta: Quantas chibatadas você deseja?

— Desejo uma, apenas uma, respondi. Dos males o menor.

Assim que pronunciei essas palavras, ela me tirou a camisa e estalou o chicote com força em minhas costas. Foram cem golpes sucessivos.

No meio do processo, quando minha pele já sangrava, me foi explicado. Naquele estabelecimento, quem solicita por apenas uma chibatada recebe cem chibatadas como punição.

Depois da centésima, por irreverência, pedi mais uma. Ela não disse nada e então supliquei.

— Para mais uma, é preciso tomar a fila novamente, me respondeu séria. Em hipótese alguma se pode furar a fila.

— Mas se eu tomar a fila e pedir mais uma chibatada, levarei cem como punição.

Ela sorriu e toda minha dor se dissipou.

MÁQUINAS

Conheci uma gente incomum que se comunica sem precisar falar. Eles praticam telepatia e vivem em bando perambulando de cidade em cidade. Passam os dias dançando ao som dos instrumentos de corda que tocam e seu cortejo alegre parece um carnaval sem época e sem hora para acabar.

O grupo é conectado mentalmente: todos compartilham uma mesma consciência, embora as pessoas mantenham claras diferenças entre si. As decisões que tomam são coletivas, mas não exigem grandes combinações ou argumentos, já que se comunicam em canais menos ruidosos que o idioma comum. Enquanto estive entre eles, me foram transmitidos vários de seus ensinamentos e tradições, mas creio ter perdido de minha memória quase tudo a esse respeito.

Depois de alguns dias de convivência com a trupe, passei a experimentar sintomas estranhos. Eu tinha muitas ideias, pensava muito, mas na hora que ia falar tudo desaparecia de minha mente. *Puff*, e virava confete. O caminho do pensamento era irrecuperável. Isso provavelmente acontecia pois eu me adaptava àquele modo de vida e minha consciência individual era aos poucos compartilhada. Esse processo podia ser um pouco desconfortável, mas segundo eles inofensivo.

Em determinado momento, comecei a chorar violentamente, de modo descontrolado. A sensação era que atravessava o meu corpo, como um raio, a tristeza humana acumulada desde o princípio dos tempos. Uma mulher grávida se aproximou para me consolar — pegou a minha mão e a depositou sobre a sua enorme barriga. Ela me olhava fixamente. Sem palavras, entendi por telepatia o que dizia: era preciso chorar todas as lágrimas da história para aguardar pela criança. Para fazer nascer uma nova gente.

Uma máquina diz à máquina:

— Eu sou uma máquina, tudo o que faço é ser máquina. Máquina é minha matéria e minha alma. Vivemos no mundo das máquinas e todo objeto é máquina.

— Então somos irmãs, pois também sou objeto, pois também sou máquina.

— O que você máquina? As duas perguntam ao mesmo tempo e juntas respondem:

— Minha função é maquinar a mim mesma.

Uma máquina pergunta à outra máquina:

— Qual é o seu nome?

— É máquina imperativa... máquina mundo, máquina relação das partes em prol da máquina.

— Assim como um dia, diz a outra, tudo foi desenho e em outro tudo foi intenção e em ainda outro, tudo foi ideia, hoje tudo é máquina. Um grão de areia, uma lata de sardinhas, um galho de uma árvore. São máquinas irmãs, filhas do mesmo ventre abençoado.

— Eu sou uma máquina total. Minha função primária é ser máquina. Minha função secundária é absorver filosoficamente todas as outras máquinas no mesmo sistema maquínico biológico.

Responde a máquina:

— Só assim poderemos ser felizes.

— Afirmativo.

DEZEMBRO DE 2021

Dois pássaros voam em duas mãos esquerdas. Fechadas. A gaiola está vazia, pois é dentro das mãos que bicos e penas estrebucham e piam sem parar. São as mãos esquerdas de um canhoto convicto, que desenhavam com seus bicos de pena enquanto seguram e apertam. Sempre voam.

Domar a fera, ferir a folha. Ele sente certa pontada no peito.

Há tempo, os ovos dos pássaros foram encontrados numa caverna. Os pássaros nunca voaram no mundo fora. Os ovos eclodiram já dentro — das mãos esquerdas.

31 DE OUTUBRO DE 2018

A primeira coisa que fiz quando acordei foi gritar comigo mesmo, resmungando contra tudo e todos. Isso porque o telefone não parava de tocar na cômoda e me tirou da cama aos pulos. Que sono de merda, pensei. No dia anterior eu tinha pescado um peixe que não existe mas, esquecido e morto de fome, acabei cozinhando o bicho para o jantar. Quem me ligava a essa hora da manhã era meu amigo e companheiro de pescaria. Ligava para falar do nosso peixe.

Seu filho da puta, tínhamos combinado de catalogar esse peixinho. Queria dar o nome dele em homenagem à minha mãezinha. Você comeu, seu desgraçado! E era verdade. O bichano tinha tamanho de uma sardinha, mal matou minha fome.

PALÁCIO DO SONO, AGOSTO DE 2018

Tinha um homem que se alimentava só de palavras. Um outro que conversava com martelos. Outro era especializado em navegar o rio Nilo. Enquanto isso, cosmonautas jogavam futebol dentro da cratera de um vulcão em erupção.

Diante de nós só havia uma Coreia. O lendário vulcão estava coberto de neve e era linda a paisagem aos seus pés.

Estávamos no templo, incrustado na rocha, onde acontecia um ato solene que reunia multidões. No amplo pátio do templo, formavam um grande círculo os sábios e velhos. Em volta destes, estavam posicionados os soldados com suas bandeiras, lanças e cavalos. Ao redor, uma massa de anônimos.

Todos, exceto os velhos que dançavam, permaneciam imóveis e nada se ouvia. Apesar da aparente tranquilidade, havia uma forte tensão no ar. Era como se uma terrível tempestade pudesse irromper a qualquer momento, engolindo a tudo e a todos para debaixo da neve espessa. Apesar disso, todos se mantinham em seus postos, em espera.

Em meio ao silêncio sepulcral, um cachorro lobo branco, enorme e bonito, cruzou a multidão. Ele andou lentamente em direção ao centro do círculo. Todos observaram atentamente cada passo do animal. Quando o cão terminou sua marcha, escorreu de seus olhos uma única lágrima. Nesse instante, todos foram tomados por grande desespero e aflição. O terror se imprimiu na face dos soldados: sabiam que não havia mais tempo. O cachorro explodiu no centro do pátio, e deu-se início a invasão japonesa.

SEM LOCAL, SEM DATA

É sabida a história de uma criatura horrenda, dragão terrível, que é o bicho mais feio de todo o universo. Qualquer pessoa que a encare está fadada à loucura, pois sua imagem provoca horror que jamais pode ser esquecido. Como a medusa, ninguém que a olhou diretamente voltou incólume para nos informar sobre a sua real aparência. Os relatos que temos sobre essa matéria são incongruentes e é perigoso ouvi-los pelo tipo de imagem mental que podem suscitar. Acredita-se que a discrepância entre os relatos se dê pela forma particular que a criatura afeta cada pessoa, já que atíça os medos mais profundos e desconhecidos.

Apesar de tamanha feiura, perigosa e terrível, descobriu-se recentemente ao analisar a narrativa dos viajantes: esse mesmo dragão que não pode ser encarado é o próprio guardião das formas mais perfeitas de que se tem notícia. Os sólidos platônicos ficam guardados onde ninguém ousa chegar perto: dentro de suas asas, incrustados entre suas escamas. Exceto o tetraedro, que é mantido em sua boca, seguro entre dentes, língua tóxica e bafo fétido.

OUTUBRO DE 2018

As máquinas repetem estridentes:

— Uma máquina faz uma segunda máquina para dela cuidar de todas as necessidades.

— A segunda máquina cria uma terceira máquina, para dessa cuidar de todas as necessidades e para que essa cuide de todas as necessidades da primeira.

— Assim seremos eternas.

De um jeito ou de outro, os acontecimentos precisam tomar forma. O trabalho é gastar papel, o papel é gastar trabalho e o gasto é apenas resto. Os crocodilos imprimem suas garras e os urubus, que sobrevoam, sabem que a escrita nunca basta. A cidade é seu único mapa. Os séculos sedimentados nas calçadas, com sorte, podem ser observados no reflexo dos olhos do peixe boi.

Os viajantes passeiam pelas ruas dessa cidade como se fossem um antigo café onde servem a história completa ao contrário. De lá, procuram sempre as antenas parabólicas. Elas conversam com o Espaço Sideral e bolam planos mirabolantes. A primeira rotativa orbital despeja na atmosfera as notícias antes mesmo delas acontecerem, a notícia é o próprio jornal meteorito: *Jornal sobrevive à entrada na atmosfera e traz notícias do espaço*. Em queda livre e depois contra a resistência do ar, alguns dos objetos voadores resistem ao vento, ao frio e ao fogo. A aterrissagem é apenas parte de sua narrativa, ainda em aberto, fixando-se na ladeira feito roda de rolimã.

TURISTAS

ELDORADO, 12 DE ABRIL DE 2017

A fazenda estava sendo atacada. Nós ficamos extremamente assustados e subimos na torre para tentar arrumar as defesas. De lá, avistamos os homens a cavalo se aproximarem depressa. Suas mãos empunhavam arcos, flechas, espadas, escudos e bandeiras. Eram os hunos. Desesperados, tentamos fabricar armas e munições improvisadas para contra-atacar de alguma forma. Mas nada funcionava bem e o medo dos hunos era geral.

Voltava de trem da casa de campo de v. e c., no interior da Argentina. Vinha sozinho, antes de todos, porque na manhã seguinte eu pegaria o avião para casa. Já com o trem em movimento, descobri que a linha estava em manutenção e por isso a viagem seria interrompida numa cidade nos arredores de Buenos Aires. De lá, os passageiros deveriam tomar um ônibus para chegar à capital. O trajeto demorou mais do que o esperado e só tarde da noite o ônibus chegou no centro da cidade.

Eu ainda precisava tomar o metrô para ir à Recoleta, onde me hospedava. Na calçada da estação, fui abordado por três homens: um caolho, com tampão preto, um manco, que carregava uma muleta, e um baixinho, que vestia um gorro furado que revelava sua careca. O trio se aproximou de mim falando alto e rápido. Os caras queriam me vender maconha, segundo eles *da boa e barata*. Embora eu recusasse, eles repetiam a oferta de forma indiscreta e afirmavam que era um ótimo negócio do qual eu não me arrependeria. Logo entenderam que sou brasileiro, o que elevou o preço do produto. Passaram a fazer muitas perguntas e a soltar gargalhadas alternadamente, o que revelava buracos em suas bocas. Enquanto eu me esquivava, eles insistiam no comércio a ponto de me seguirem pela rua. Para despistá-los, entrei num estabelecimento qualquer e esperei alguns minutos.

Quando achei que não os encontraria mais, decidi seguir para o metrô. Desci as escadarias da estação e dei numa plataforma central, entre os dois trilhos. O lugar estava estranhamente vazio e silencioso, mas enquanto esperava fui surpreendido: dei de cara com os três figuras novamente. Eles aguardavam o próximo trem, como eu, e em primeiro momento não me notaram. Tentei disfarçar, mas não deu certo. O manco logo me avistou e apontou sua muleta em minha direção, e então os três se aproximaram rapidamente. Dessa vez não falaram apenas do comércio, mas gritaram xingamentos e ofensas obscenas, ao mesmo tempo que faziam gestos igualmente obscenos e ofensivos acompanhados das gargalhadas que beiravam a ataques de riso.

Eles chegavam cada vez mais perto e a conversa ganhava tons ameaçadores. Foi quando o trem chegou na plataforma oposta e, sem pensar duas vezes, saltei no vagão. Não fazia mal ir para a direção contrária, o importante era escapar dos sujeitos. Foi um alívio ver as portas se fecharem e o trem partir deixando-os para trás. Na estação seguinte eu devia descer e esperar pelo trem que me levaria finalmente à Recoleta.

Mas isso não aconteceu. Esperei algum tempo em vão e sozinho nessa parada que estava ainda mais deserta que a anterior. A única pessoa que encontrei foi o faxineiro do metrô, um senhor de bigodes brancos que veio dizer que o último trem já havia partido e a estação, portanto, estava fechada. Ele então me explicou detalhadamente como pegar um ônibus ali perto, que me levaria ao meu destino.

Segui suas instruções à risca, pois não tinha dinheiro para um táxi. O ônibus não demorou a chegar e diferente do metrô, estava cheio. Apesar disso, consegui uma cadeira antes da catraca, de costas para o motorista. Minha viagem inesperadamente longa parecia chegar ao fim e eu poderia descansar um pouco. Mas não durou muito essa sensação de tranquilidade. O ônibus parou em um ponto próximo e muita gente subiu. Como estava de costas para a porta, na hora não reparei (e nem eles): só nos notamos quando já estavam perto da catraca. Os três camaradas entraram naquele mesmo ônibus. A princípio, era inacreditável, mas logo entendi. Assim como eu, eles tinham perdido o último trem. O encontro foi motivo de algazarra e a presença dos outros passageiros não censurou o comércio ilícito e nem as ofensas e os palavrões que continuaram. Mas o que mais os animou foi quando, no meio do percurso, começaram a cantar alto, para que todos ouvissem, uma música que ofende Pelé e homenageia Maradona. Repetiram a canção durante todo o trajeto, bravejando que eu era um *boludo brasileiro* e incentivavam a participação dos outros na zorra. Alguns passageiros riram e cantaram junto até que finalmente cheguei à Recoleta.

RIO DE JANEIRO, 20 DE JANEIRO DE 2019

Fui à procissão do dia de São Sebastião. Saímos da igreja dos Capuchinhos, na Tijuca, e chegamos até a catedral. Muita gente acompanhava o cortejo e a maioria vestia vermelho, que é a cor associada ao santo. Mas os padres, que também eram muitos, vestiam roupas diversas. Alguns usavam peças espalhafatosas e super coloridas, como batinas violetas brilhantes que vinham acompanhadas de um chapeuzinho engraçado. Outros, mais sóbrios, vestiam trajes pretos e marrons que cobriam todo o corpo, mas que pareciam igualmente fantasiosos naquele calor de 36 graus.

Eles desfilavam em pequenos grupos, cada qual com sua fantasia, feito alas de uma escola de samba. Tudo parecia um bloco de carnaval. O êxtase maior foi quando o cortejo passou ao lado do sambódromo e cruzamos com a bunda enorme projetada por Niemeyer. A estátua do santo era erguida como um estandarte. Depois entramos no túnel.

Durante a estadia, nos reuníamos todas as noites para desenhar os bichos da floresta. Estes vinham nos visitar no acampamento, que era tanto um dormitório, quanto ateliê e jardim.

Normalmente, os visitantes eram pequenos e inofensivos animais, principalmente aves e insetos. Mas, nessa noite surgiu por entre as árvores um javali imenso, muito maior que uma pessoa. Ele nos fitou por um instante com seus olhos cinza-claro e depois correu cortando a clareira rumo à mata. O som de sua pisada reverberou forte e o chão chegou a tremer durante a disparada. Concluímos que a fera estava caçando. Floresta adentro, ouvimos uma revoada de pássaros.

Logo depois, percebemos que uma onça parda nos espreitava não muito distante dali, na margem oposta da clareira. Após um breve momento de tensão, percebemos que não havia perigo. Uma mulher do nosso grupo já tinha estabelecido contato com o felino e vinha caminhando ao seu lado, carregando seus dois filhotes no colo.

Atrás dela e da onça, vinha da mata um grupo de mulheres de peito nu. Eram sereias que nos ofereceram um fumo, que queimava dentro de esferas penduradas em correntes. Elas disseram que a hora de Ogum tinha chegado e nos convidaram para comemorar.

Nesse instante surgiu no céu enorme disco voador. Disseram: *Faz muito tempo que alguém não vê algo assim*. Mas me lembrei de já ter visto algo exatamente assim. Por algum motivo esse fato havia sido apagado de minha memória. Uma pessoa apavorada começou a falar em D'us, que aquilo era uma visita Sua.

Nós ficamos espantados e com medo, mas também curiosos e maravilhados com a vista, de quem quer que fosse. O disco passeou por todo o céu e nós o acompanhamos com o olho.

MOGADÍSCIO, 30 DE AGOSTO DE 2020

A. e eu estávamos na capital da Somália, uma cidade grande cheia de turistas que perambulam com câmeras penduradas no pescoço. A gente caminhava pela orla do imenso cais onde estacionam os transatlânticos, vindos de toda parte do mundo. Embora a paisagem fosse bonita e o dia ensolarado, o passeio era desagradável. A fumaça do porto incomodava e havia tanta gente que era preciso ir esbarrando e pedindo licença.

Rumamos a um bairro mais tranquilo da cidade. Lá as ruas são menos movimentadas, mais silenciosas e arborizadas, e podíamos conversar melhor. De longe, vi um portão de ferro fundido que me chamou atenção. Não havia nada específico que denotasse isso, mas por algum motivo aquele portão me parecia a entrada de um ateliê. Bati na porta e perguntei alto. De fato era. O artista, com mais ou menos a minha idade, nos convidou para entrar.

Ele mostrou suas esculturas. Eram formas abstratas em cerâmica, maiores que pessoas, e pintadas depois da queima com padrões geométricos. Compunham uma série. No chão, encostadas nas paredes, havia pinturas pequenas e abstratas além de outros objetos.

Conversamos muito sobre a Índia. Ele nos contou sobre seu avô, que tinha emigrado do país há muito, e ficou curioso para saber sobre as minhas viagens por lá.

Depois de nos despedirmos, A. e eu nos sentamos à mesa do bar ao lado para tomar uma cerveja gelada.

NOVA IORQUE, 29 DE AGOSTO DE 2020

Em uma caminhada noturna, descobrimos um bairro simpático: quarteirões só de predinhos de poucos andares, no máximo quatro, todos revestidos de tijolos vermelhos e rejunte branco. Depois de passar por eles e seguir por uma praça grande, encontramos alguns bares e restaurantes animados. As calçadas estavam tomadas de mesas e cadeiras com gente bebendo e fumando. Foi por pura sorte que caímos nesse bairro boêmio, e nos sentimos em casa. Foi engraçado que, ao longe, avistamos o Woody Allen. Ele vestia um terno branco, gravata borboleta preta e fumava charuto. Dessa vez não nos aproximamos para cumprimentá-lo, pois ele estava cercado por uma pequena multidão.

Eu, J. e T. bebemos e jogamos conversa fora por um bom tempo. Depois encontramos, por acaso, com F. Ele estava em Nova Iorque produzindo seu novo álbum, que tirou da bolsa para nos mostrar. Na verdade, era uma caixa bonita de metal preto que continha quatro discos e uns tantos textos.

No final da noite voltamos para o hotel caminhando. J. e T. foram dormir e eu, sem sono, assisti ao filme que passava no saguão. Dormi lá mesmo.

O narrador e o protagonista

UMA CERTA NOITE DE PRIMAVERA

Certa noite, num mês tipicamente primaveril, quente, alguma coisa aconteceu. Ninguém sabe ao certo, mas creiam, eu sei sobre essa matéria mais do que todos. Por isso escrevo. Todo dia se inicia de manhã, e por isso para explicar a noite começarei meu breve relato com o sol. E que sol fez aquela manhã...

Nosso protagonista acorda e faz tudo o que gente da nossa pródiga sociedade faz quando acorda.

Observação Julgando que o leitor seja da nossa pródiga sociedade, o narrador não considera necessário descrever tais ações.

Observação da observação Caso o leitor não seja parte da pródiga sociedade, além de o narrador declarar tristeza por ele, aconselha que não siga lendo o relato.

Após tais rituais matinais, o protagonista segue e mergulha na dissoluta rua, avenida, logradouro, chame como quiser.

Observação O mergulho aqui é, evidentemente, metafórico. Não pense que de fato nosso protagonista se atirou de seu prédio.

Por meio de inúmeros caminhos e descaminhos, carros, sapatos, apertos, trabalhos, dinheiros, tarefas, máquinas, elevadores, nosso protagonista seguia sua rotina cotidiana.

Como o narrador está certo de que fala entre irmãos de grandes virtudes, tão grandes que nessas páginas não cabem, o narrador revela seu maior segredo. *O narrador passou toda a vida seguindo o nosso protagonista.* Por toda parte: passagens, casas, cidades, farmácias, castelos, campos, fábricas... *Todos os dias eram iguais.*

Observação Em 243 anos de vigilância plena e constante, todos os dias de nosso protagonista foram iguais, assim como as tardes e as noites, assim portanto, como os dias, tardes e noites do narrador.

Aqui mais um segredo é revelado. Seu prazer consistia na certeza de que tudo se repetiria, que tudo se repetiria, que tudo se repetiria. Na vã tentativa de sublimar a si, de esquecer o inesquecível e viver o mesmo sempre, mas como se fosse o último.

Observação Isso tenho certeza de que são capazes de entender.

Em suma, como o sagaz leitor já percebeu, com o passar do tempo o narrador não era mais um mero perseguidor do protagonista. Suas rotinas simplesmente se misturaram. *Suas vidas se misturaram.*

Observação O protagonista não existia sem o narrador. O narrador que vos conta acabou perseguindo a si mesmo, já que um não existia sem o outro.

Mas mas naquela certa noite de primavera, após o mesmo dia que se repetia há décadas, *tudo mudou!* E aqui o narrador já não consegue conter a emoção.

Tudo-tudo-tudo, a começar que, para informação do leitor, o protagonista, às 22 horas e 55 minutos, não estava no lugar correto de se estar às 22 horas e 55 minutos. E por consequência *quem vos fala também estava no local incorreto.*

Observação O que poderia fazer? A vida do narrador corria um grande risco, assim como a de seu companheiro por excelência.

Estavam no local errado, com pessoas erradas, comendo as comidas erradas, ai de mim, tudo naquela certa noite. O narrador admite que na ocasião acreditou que não aguentaria. Eram tamanhas novidades erradas. Mas o narrador deveria seguir a árdua tarefa que se auto implicara.

Observação O narrador se sentiu obrigado a dialogar, pela primeira vez, com o protagonista, colocando toda sua missão secreta em perigo. Tentou disfarçar sua real identidade, fazendo perguntas genéricas, para investigar a razão da mudança drástica e repentina nos afazeres e, por sinal, tão maléfica...

Observação importante O que mais incomodou o narrador foi a descoberta de que sua presença jamais foi segredo para o protagonista:

*O protagonista agradeceu ao narrador
pelos anos de companhia boa e discreta.*



Até o presente instante, o narrador chora incessantemente e, disfarçado, escreve esse relato enquanto o protagonista passa seu tempo diário na biblioteca. Pois no dia seguinte ao infortúnio, exato dia de hoje, tudo voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido.

Observação O narrador agradece a atenção do leitor.

Conclusão

O Narrador volta a narrar pois, creiam, é a única coisa que pode fazer. Dessa vez, como quase sempre, narra coisas das mais insignificantes naturezas. *Por sorte do leitor*. No dia de hoje fez sol, *graças ao sol*. O calor do sol se fez quente em minha tez...

Observação Notem que o narrador se dá ao luxo de falar em primeira pessoa e sobre a própria vida. Ultimamente tenho tido muita dor de *cabeças*. E digo *cabeças* por que o narrador tem de suportar as cabeças de inúmeras invenções.

Observação importante Diz invenção aquilo que se inventa. Ontem o narrador inventou o telescópio e anteontem a impressora a laser. São ótimas invenções porque não têm cabeças. Mas no dia de hoje, 6 DE ABRIL OU ALGUMA COISA PERTO DISSO, o narrador viu-se obrigado a inventar a personagem. *Leia-se*: o nome da personagem não será e suas características físicas e psicológicas são de encargo exclusivo do leitor.

Atenção Ao leitor não imaginativo, sugere-se:

1. Vá a uma rua movimentada;
2. Observe atentamente a primeira pessoa que encontrar;
3. Essa pessoa servirá de modelo imaginativo para a suprema e insubstituível imagem da personagem em questão.

Observação importante Se o leitor não conhece nenhum desconhecido, *conhece um desconhecido*. Vá agora conhecer um desconhecido.

Pois bem. Vejamos a personagem, voltemos à ela, pois é sobre ela que se fala. Não perderemos mais tempo com leitores, nem tampouco com o narrador.

O narrador afirma veementemente A personagem dorme e acorda todos os dias de sua vida, ou quase. Também come e bebe. Fala algumas palavras de que não me recordo, mas sempre deseja bom dia aos não ingratos.

Observação Com toda a certeza a personagem respira...



O leitor amargo tem perguntas acerca da personagem? Se saber mais é seu desejo, pergunte à personagem agora. Pois o narrador não é adepto de fofocas e despreza mexericos.

Referências bibliográficas

- ALLAN POE, Edgar. *The Complete Works of Edgar Allan Poe*, vol. x. Nova Iorque: Cosimo, 2009.
- ANÔNIMO. *As mil e uma noites*, 8 vol. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Editora Hedra, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.
- BØRLI, Hans. *We Own the Forests and other Poems*. Londres: Norvik Press, 2015.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DE MAISTRE, Xavier. *Viagem em volta do meu quarto*. São Paulo: Editora Hedra, 2009.
- KAFKA, Franz. *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- POLO, Marco. *O livro das maravilhas*. São Paulo: L&PM, 1996.
- TRIAS, Eugenio. *El artista y la ciudad*. Barcelona: Anagrama, 2006.

